

Jesus Lavou-lhes os Pés

(13:1-17)

Bruce McLarty

O ano era 1983 e me deram este texto bíblico, João 13:1-17, para proferir uma mensagem num retiro de homens. Todos estavam sentados num amplo refeitório em frente a uma lareira rústica de pedras. Para dar início à lição, peguei uma bacia e uma toalha e caminhei até um membro do grupo que concordara previamente em me ajudar naquela ilustração. (Pedi a outro irmão, mas ele se recusou porque disse que aquilo era “constrangedor demais”.) Um silêncio total tomou conta do salão enquanto eu me ajoelhava diante daquele homem, tirava suas meias e sapatos e lavava os seus pés. Eu não previa como aquele ato deixaria todos tensos — incluindo eu! Embora todos já tivéssemos lido, ouvido e falado sobre Jesus lavando os pés dos discípulos, era meio desajeitado e estranho fazê-lo pessoalmente. Olhando para trás, para aquela noite no retiro dos homens, creio que a experiência de um lavar-pés moderno foi uma introdução perfeita para o momento desconcertante e constrangedor quando Jesus, perto do final de Sua vida, “passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (13:5).

Pouco antes da festa da páscoa (13:1)¹, Jesus encontrou-Se com os discípulos para fazerem juntos uma refeição. A viagem saindo de Betânia naquele mesmo dia tinha sido por estradas empoeiradas e acompanhada de uma pequena discussão².

¹Veja 12:1.

²Mateus 20:20-28 e Marcos 10:35-45 indicam que a discussão sobre quem era “maior” entre os discípulos aconteceu quando Jesus e Seus seguidores iam para Jerusalém.

Ao se reclinarem à mesa para comer naquela noite, não haviam lavado os pés. Numa cultura em que se come deitado ao chão, apoiando-se num cotovelo, os pés sujos da pessoa ao seu lado eram um sério incômodo! Havia na sala uma bacia e uma toalha para se lavarem, mas nenhum servo para realizar a tarefa. Conseqüentemente, começaram a refeição com a poeira do dia ainda nos pés. Durante a refeição, Jesus Se levantou, enrolou-Se na toalha, derramou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e secá-los com a toalha. Com certeza, um silêncio desconcertante tomou conta do recinto enquanto Jesus ia de um discípulo ao outro. Dentre todos que estavam ali, por que Jesus foi quem lavou os pés de cada um?

Jesus estava fazendo muito mais do que limpar pés sujos através daquele ato naquela noite. Ele estava preparando Seus discípulos para a Sua morte e para a missão que eles deveriam realizar. Lavar os pés dos discípulos era um prenúncio do sacrifício que Ele logo faria na cruz, da purificação viabilizada pelo sangue de Jesus e dos valores completamente novos do reino de Deus. Jesus estava usando a ilustração física de lavar os pés para ensinar aos discípulos a natureza do serviço cristão.

O SERVIÇO É UMA EXPRESSÃO DE AMOR (13:1)

O capítulo 13 inicia uma nova seção dentro do Evangelho de João. Os capítulos 13 a 17 são comumente chamados de “discursos de despedi-

da” de Jesus. Em contraste com o ensino público que foi o enfoque anterior de Seu ministério, esta seção descreve conversas privadas e íntimas entre Jesus e os doze. Uma diferença nesta seção é que a palavra “amor” aparece com mais frequência do que antes. Os capítulos 1 a 12 contêm somente seis referências a amor, enquanto os capítulos 13 a 17 mencionam amor trinta e uma vezes! Duas dessas ocorrências estão no primeiro versículo do capítulo 13.

Antes de entender por que Jesus lavou os pés dos discípulos ou por que Ele morreu na cruz, temos de entender o Seu amor: “...sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (13:1). Para se entender os atos de Jesus, é preciso analisar primeiro o coração que produziu esses atos. O coração de Jesus estava cheio de amor enquanto Ele lavava os pés dos discípulos. Ele não estava cheio de ódio, decepção, frustração ou desgosto, mas amor. Para servirmos como Jesus serviu, é importante que também comecemos tendo amor. Muitos que insistem no fato de servirmos como Jesus serviu não estão dispostos a começar onde Jesus começou, com um coração de amor.

Mais tarde neste mesmo capítulo, Jesus descreveu como o amor ocupa um lugar central no reino de Deus:

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros (13:34, 35).

Para o serviço cristão ser autêntico ele precisa começar pelo amor.

Não há limite para o que o amor pode nos motivar a fazer. Se servimos sem culpa, medo ou orgulho, nosso serviço estará muito mais perto do que deve ser porque temos corações amorosos. Um homem que era paciente numa missão hospitalar observou o modo como os enfermeiros trabalhavam arduamente o dia todo, fazendo umas das tarefas mais pesadas e difíceis que ele já testemunhara. Um dia, ele comentou com uma enfermeira: “Eu não faria o seu trabalho nem por um milhão de dólares!” A enfermeira cristã parou de trabalhar, sorriu para o homem e disse: “Nem eu!” O amor nos motiva a dar de nós mesmos servindo, como nada mais é capaz de nos motivar.

O SERVIÇO EMANA DA CONFIANÇA (13:2–4)

Quando estive na África, anos atrás, um colega missionário estava trabalhando um dia com um auxiliar lingüístico, tentando traduzir a idéia de serviço cristão para a língua local. Quando ele chegou ao ponto em seu sermão onde queria dizer “todos os cristãos devem se tornar servos”, seu assistente disse: “Não! Você não pode dizer isso!” Embora aquele homem tivesse ouvido sobre Jesus há tantos anos, ele não acreditava que um pregador fosse capaz de pedir aos cristãos para serem algo tão degradante como um servo.

“Servo”, “servir”, “serviço” — todos esses termos soam ao mundo como sinais de “fraqueza”. Tarefas, segundo eles, são encargos para os não escolarizados, os pobres, os impotentes. É comum se pensar que serviço é algo para os que não podem se superar. Uma pessoa só serve porque é forçada a servir.

Jesus, porém, mudou tudo isso. Na noite em que Ele lavou os pés dos discípulos, Ele não estava fraco, inferior, nem de alguma forma ameaçado pelos doze. João registrou:

Sabendo este [Jesus] que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela (13:3, 4).

O que Jesus fez, Ele o fez de uma posição de confiança e poder. Ele demonstrou que o serviço não emana da fraqueza, mas tem como base a força. Quando um cristão entende verdadeiramente como é amado e valorizado aos olhos de Deus, ele tem confiança para servir. Jesus foi o modelo disso quando lavou os pés dos discípulos.

O SERVIÇO É ORIENTADO POR DEUS (13:1–5)

Os dois discípulos que figuram de modo mais proeminente no capítulo 13 são Judas (vv. 2, 18–30) e Pedro (vv. 31–38). Ambos tiveram os pés lavados por Jesus e ambos foram as maiores decepções para Ele, nas horas seguintes; Judas traiu Jesus e Pedro O negou. Esse “detalhe” é na verdade uma revelação maravilhosa e libertadora a respeito da natureza do serviço. A maneira como os outros reagem ao nosso serviço não é o que o torna bom. Devemos servir e deixar que Deus julgue os resultados.

A congregação da qual faço parte tem um grande ministério de benevolência chamado “Tua Casa”, o qual provê alimento e roupas aos necessitados. Às vezes descobrimos que pessoas mentiram para nós, abusando da nossa generosidade. Será que isso diminui o valor do nosso serviço? Não! Queremos ser sensatos e não acreditamos que devemos ajudar pessoas que usariam nossas doações para comprar bebidas alcoólicas ou drogas. Todavia, se erramos, preferimos fazê-lo por excesso de generosidade e confiança. Embora haja quem se aproveite de nós, o mais importante é que continuemos servindo. Porque Jesus lavou os pés de Pedro e Judas naquela noite, somos encorajados a continuar servindo nossos semelhantes, mesmo que pessoas às vezes abusem do nosso serviço ou façam mau uso das nossas doações. O serviço, para o cristão, não consiste basicamente em olhar para os resultados, mas em olhar para Jesus!

A vocação missionária deve ser outro exemplo desse princípio. Antes de um missionário ir a algum lugar para propagar o evangelho, precisa entender que algumas pessoas o rejeitarão, outras o usarão e outras ainda o amaldiçoarão. A sua ida não depende dos resultados. Ele vai porque é certo fazê-lo — quaisquer que sejam os resultados.

PARA SERVIR É PRECISO PRIMEIRAMENTE SER SERVIDO (13:6–10)

Quando Jesus foi até Pedro e começou a lavar-lhe os pés, Pedro recusou, dizendo: “Senhor, tu me lavas os pés a mim?” (13:6). Jesus disse a Pedro que o que Ele estava fazendo era algo que Pedro não entendia naquele momento, mas entenderia no final. Pedro ainda se opôs e insistiu para que Jesus não lhe lavasse os pés. Pedro deve ter ficado surpreso, quando Jesus lhe respondeu: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (13:8). Apesar de não entender por que fazer aquilo era importante para Jesus, Pedro entendeu que era de fato importante. Impulsivo como sempre, Pedro então pediu que Jesus lavasse o seu corpo inteiro!

As palavras de Jesus a Pedro revelam como a auto-confiança espiritual pode ser destrutiva em nossa relação com Deus. Pensando que *nós* adquirimos a salvação, não agimos cheios de gratidão e humildade para com Deus. Conseqüentemente, não sentimos desejo nem motivação para servir aos outros. Assim, nos tornamos

nossos próprios deuses! Por outro lado, quando reconhecemos que só fomos salvos pela maravilhosa graça de Deus, somos agradecidos, humildes e estamos prontos para seguir o exemplo do nosso Salvador. Como motivamos uma igreja insensível a servir os outros? Não será por repreensões nem por constrangimentos, mas fazendo-os lembrar que Jesus “lavou os nossos pés” na cruz! Ser servido pelo sacrifício de Jesus é o primeiro passo necessário em direção ao verdadeiro serviço cristão.

Muitas vezes, no Evangelho de João, as conversas que envolvem Jesus têm variados sentidos. Isto se aplica a 13:1–17. Primeiro, lavar os pés dos discípulos foi um ato de bondade e hospitalidade estendido a um grupo de homens que estavam comendo uma refeição, reclinados sobre os pés sujos uns dos outros. Num sentido mais profundo, Jesus estava usando a ocasião para ensinar-lhes (novamente) que Ele era um servo e que Seus seguidores deveriam estar igualmente dispostos a servir. Também foi embutido na conversa mais um indício de que Judas trairia Jesus (13:10, 11).

O SERVIÇO É UMA IMITAÇÃO (13:12–16)

Depois que Jesus terminou de lavar os pés de Seus constrangidos discípulos, Ele retomou o lugar à mesa. É provável que tenha havido a seguir um desconcertante silêncio, enquanto os doze esperavam Jesus dizer alguma coisa. Finalmente, Ele indagou: “Compreendeis o que vos fiz?” (13:12). As próximas palavras de Jesus não dizem respeito somente àquela situação, mas também a nós hoje:

Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou (13:13–16).

Jesus serviu! Ele é nosso Mestre. Portanto, devemos servir aos outros para sermos como Ele!

Neste estudo tenho evitado exemplos “heróicos” de pessoas que serviram em nome de Jesus. Não quero deixar a impressão de que servir a Jesus é somente para os que são excepcionalmente corajosos, os mais dotados, ou os que foram presenteados com circunstâncias especialmente difíceis. Jesus

chama *todos* nós (e a maioria de nós tem uma vida comum) a seguirmos os Seus passos servindo pessoas em nossos lares e igrejas, em nossos empregos, ou onde quer que tenhamos a oportunidade de “lavar os pés” de outros semelhantes. Fazer isso não é algo estranho para nós, cristãos; é só uma questão de seguir o exemplo de Jesus.

O SERVIÇO TEM A VER COM FAZER (13:17)

Vinte anos atrás, quando eu era estudante universitário, meus amigos cristãos e eu conversávamos muito sobre serviço. De fato, a história de Jesus lavando os pés dos discípulos era um dos nossos textos favoritos para debater. Em nossa arrogância juvenil, achávamos que tínhamos “descoberto” um ensinamento de Jesus esquecido. Agora, anos depois, meus amigos e eu entendemos que é mais fácil falar de serviço do que servir. É mais comum ouvir debates sobre serviço do que ver o ato praticado. Jesus quer que façamos mais do que “falar” de serviço; Ele nos chama para “fazer” também! Depois de dizer aos discípulos que Ele queria que eles imitassem o Seu exemplo de servir os outros, Jesus disse: “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (13:17). Tiago reafirmaria mais tarde esse mesmo ensino: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (1:22).

O lado prático do serviço é ilustrado na seguinte história sobre uma menina da África do Sul, de onze anos de idade. Ela era filha de um pobre lavrador e a mãe havia morrido quando a

garota tinha apenas onze anos. Por ser a filha mais velha e ter dois irmãos mais novos, rapidamente ela se tornou “mãe” deles. Ela trabalhava tanto desempenhando responsabilidades opressivas que sua saúde logo se foi e ela teve de ser levada para um hospital para receber tratamento. Enquanto estava no hospital, recebeu a visita de uma senhora cristã bem-intencionada que lhe perguntou: “Você vai à igreja?” A menina respondeu: “Não, senhora”. A senhora tornou a perguntar: “Você já foi a uma escola dominical?” Novamente, a menina só respondeu: “Não, senhora”. “Então”, continuou a visitante, “o que você vai dizer a Deus quando morrer?” Tirando lentamente as mãos enfraquecidas de debaixo dos lençóis brancos, a menina disse: “Senhora, eu vou mostrar as minhas mãos para ele”. Ela era uma serva de verdade. A vida e as palavras daquela menina nos fazem lembrar de como é importante não só falar de serviço, mas servir!

CONCLUSÃO

Quando Jesus terminou de lavar os pés dos discípulos, Ele tirou a toalha, mas nunca parou de servir. No dia seguinte, Ele carregou uma cruz romana rústica e espontaneamente morreu por nós. Tanto a toalha como a cruz são símbolos que se encaixam na vida de Jesus. Ambas são símbolos de sacrifício, ambas nos lembram que o que está sujo pode ficar limpo, ambas foram usadas por Jesus para demonstrar Seu amor por nós e ambas nos convidam a imitar o exemplo de Jesus, nosso Senhor. E você? Vai pegar a sua toalha e a sua cruz (Marcos 8:43) e seguir a Jesus hoje? ✠

Estágios da Fé

Como o Evangelho de João foi escrito para gerar e desenvolver a fé em Cristo Jesus, a pergunta sobre como a fé se desenvolve numa pessoa é de grande interesse para nós neste estudo. John Westerhoff III argumentou que a fé se desenvolve nos seguintes estágios ou “estilos”¹:

A FÉ EXPERIMENTADA

A fé experimentada é basicamente a fé observada por uma criança, pois a experiência é o seu único contato com a fé. Todavia, a expe-

riência continua sendo um aspecto importante da fé durante toda a vida de uma pessoa. A fé experimentada é mais passiva do que ativa: a criança simplesmente observa e responde à fé dos outros. Westerhoff disse: “A Experiência é fundamental para a fé. Uma pessoa primeiro conhece Cristo não como uma afirmação teológica, mas como uma experiência afetiva”². É por isso que um lar cristão consistente e amoroso ou uma aula bíblica são tão importantes. Se esses encontros causarem um impacto negativo, a fé da criança tem poucos motivos para crescer e se desenvolver atingindo estágios mais avançados.

¹John Westerhoff III, *Will Our Children Have Faith?* (“Terão Fé os Nossos Filhos?”). San Francisco: Harper & Row Publishers, 1976, pp. 91–99.

²Ibid., p. 92.

A FÉ POR AFILIAÇÃO

A palavra chave no caso da fé adquirida por afiliação é “comunidade”. Na jornada do desenvolvimento da fé, este estágio envolve pertencer, amar e aceitar a autoridade da comunidade de crentes. O “grupo” se torna uma fonte de identidade e família nesta altura. Você se lembra quando percebeu pela primeira vez que você “pertencia” a uma igreja — quando reconheceu que era necessário, querido e bem-vindo na comunhão? Recordo que nessa época eu tinha treze anos de idade. Num domingo de manhã, ajudei a servir a ceia. Naquela tarde, acompanhei um grupo de homens que foi levar a ceia para pacientes no hospital de veteranos de guerra da cidade. Mais tarde, naquele mesmo dia, no culto de adoração à noite, fui escalado para dirigir a oração final. Ainda me lembro da forte sensação de pertencer que senti naquela noite. Eu tinha um lugar; era necessário e bem-vindo entre meus colegas cristãos. Essa é a fé por afiliação.

A FÉ INVESTIGADORA

Se a fé fosse uma pessoa, a fé investigadora seria um adolescente. Essa é a fase de investigar, testar, questionar e duvidar. É o tempo da insatisfação, quando o crente já não aceita respostas antigas mas busca uma fé pessoal. Por ser uma fase do processo de desenvolvimento da fé em que se duvida de tudo, este é um período desconfortável para o crente — e para a família e os amigos que estão assistindo ao que ocorre. A pessoa pode experimentar idéias e práticas religiosas diferentes, em busca de algo que possa crer fortemente. Isto pode desanimar a comunidade da qual essa pessoa faz parte, a ponto de lhe virarem as costas, confundindo investigação com rejeição. Westerhoff explicou como devemos reagir aos que estão nesse estágio de fé:

Algumas pessoas são forçadas a sair da igreja durante este estágio e, infelizmente, algumas nunca voltam; outras permanecem em busca da fé pelo resto de suas vidas. Em qualquer caso, temos de lembrar que pessoas nesta fase de

investigação precisam suprir todas as necessidades de experimentar e depender da fé, embora pareçam estar se esquivando. Com certeza, é preciso incentivá-las a permanecer dentro da comunidade durante essa luta intelectual, essas experiências e esses primeiros esforços de seu compromisso.³

A FÉ PESSOAL

A fé pessoal é simplesmente uma fé que a própria pessoa atingiu. Não se trata de crer em algo só porque pais ou amigos crentes crêem; mas, fé pessoal é crer por ter relutado com as provas e ter atingido fortes convicções pessoais. É o movimento que parte do que “eles crêem” para o que “eu creio”. Neste nível, a fé é mais segura, mais ponderada, mais sensata e mais evangelística do que nos estágios anteriores. Westerhoff descreveu esta fé como o tipo de fé que Deus deseja que tenhamos:

A fé pessoal, a identidade pessoal, é o desejo de Deus para cada pessoa. Atingir a fé pessoal (nosso pleno potencial) demanda uma longa peregrinação em que precisamos nos prover de um ambiente e experiências que nos estimulem a agir de maneiras que promovam a expansão da fé.⁴

OS ESTÁGIOS DA FÉ NO EVANGELHO DE JOÃO

É necessário um estudo profundo para se examinar as histórias de fé narradas no Evangelho de João, à procura dos estágios de fé ali refletidos. Por exemplo, quantos estágios você vê em Nicodemos? No cego de nascença? Em Maria e Marta? Em Pedro? Em João? Apesar de ser necessário ressaltar que é João, o apóstolo, o autor inspirado, e não o sr. John Westerhoff, uma leitura desse tipo pode ser útil para vermos as várias maneiras em que a fé se desenvolve. Embora a fé de cada um se desenvolva de maneira única, os estágios de fé expostos por Westerhoff podem nos ajudar a entender a nós mesmos e a ensinar nossos filhos e amigos a respeito da fé.

³Ibid., p. 97.

⁴Ibid., p. 99.